Briege O’Hare – Sessão 5 Retiro Sobre Clara, agôsto 2005 Stella Niagara

O assunto que vou apresentar agora é um que é muito vasto e um que a minha comunidade e eu já refletimos e discutimos muito. Vou usar dois textos básicos, um é a quarta carta de Clara para Inês e eu escolhi esta porque a Clara a escreveu pouco antes de falecer. Temos que assumir que quem foi o escriba foi Leo porque após a morte de Francisco, ele teria feito esse tipo de coisa para Clara.

Nesta carta creio que Clara está tentando entrar na essencia do que o Espírito de Deus deu a Francisco e ela atraves do carisma. É uma teologia magnífica sobre a Dama da Pobreza. O outro texto ao qual vou me referir é o *Sacrum Commercium*, o Acordo Santo como é conhecido hoje.

Eu quero que você perceba a estrutura de como Clara começa a transmitir sua compreensão sobre este presente magnífico. Esta carta é uma das peças mais bonitas da literatura desta época. Você já sabe que Clara fala primeiro de seu amor por Inês de Praga. Esta é uma descrição maravilhosa desse relacionamento mútuo que é um dom maravilhoso de Deus para nós se realmente entrarmos neste dom do carisma. Ela usa linguagem íntima - mãe, filha, cônjuge e rei de todas as idades. Ela tem uma maneira maravilhosa de dizer como ela anseia em estar em comunicação com ela.

*Ó Mãe e filha, cônjuge* *do Rei de todas as Idades, se eu não tenho escrito para você tão frequentemente quanto a sua alma e a minha também desejam e anseiam, não se duvide ou pense que o fogo do amor por você brilha menos no coração de sua mãe. Não, esta é a dificuldade: a falta de mensageiros e os óbvios perigos das estradas. Agora, no entanto, enquanto escrevo para o seu amor, me alegro e exulto com você na "alegria do Espírito" [1 Tes. 1:6], ó noiva de Cristo, porque desde que abandonastes totalmente as vaidades deste mundo, como uma outra virgem muito santa, Santa Inés, você foi abraçada com "o Cordeiro imaculado que tira os pecados do mundo" 1Ped: 19; João. 1:29*]. "

Clara está começando a mostrar a Inês novamente, antes que ela morra, o que nosso carisma é como mulheres franciscanas. Observe o que ela faz. Ela começa a descrever a beleza de Cristo. Esta é a primeira coisa que ela faz, porque se não entendemos isso, não entendemos a pobreza. Clara tem essa maravilhosa maneira poética de descrevê-La. Mas ela começa dizendo que nós compartilhamos nessa beleza. Nós também estamos compartilhando a beleza da segunda pessoa da Trindade. Nós somos feitas à semelhança da segunda pessoa da Trindade, manifestada tanto em homens como em mulheres: *"Feliz, de fato, é ela a quem é dada para compartilhar este banquete sagrado, para se apegar de todo o coração a Ele* (e aqui está a descrição dela da beleza)

*De quem a beleza todos os hospedeiros celestiais admiram incessantemente,*

*De quem amor inflama (excita) o nosso amor,*

*A contemplação é o nosso refresco,*

*De quem é nossa alegria,*

*De quem a gentileza nos enche até transbordar,*

*De quem a lembrança traz uma luz suave,*

*De quem a fragrância reviverá os mortos,*

*Cuja gloriosa visão será a felicidade de todos os cidadãos do Jerusalém celestial.*

*Na medida em que esta visão é o esplendor da glória eterna (Heb.1: 3), o brilho da luz eterna e do espelho sem defeito (Sab 7:26).*

É o que Clara diz depois disso que é importante. Ela diz "olhe para este espelho", ela está falando sobre a segunda pessoa da Santíssima Trindade. "Olhe para este espelho, ó rainha e cônjuge de Jesus Cristo, e continue estudando seu rosto nele" para que você possa ver quem você realmente é. Ela está dizendo a Inês, você é uma bela imagem de Deus. Você é aquela que compartilha a semelhança da Divina Segunda Pessoa da Trindade, a Palavra, Jesus; isso você é, diz ela.

Se nós não entendemos isso, não vamos entender porque ela continua desenvolvendo a sua teologia nessa carta, e a maneira da pobreza. A Dama da Pobreza é a imagem divina que somos. Isso é a Dama da Pobreza. Pra nós dizermos que a pobreza é a essência do nosso carisma como franciscanas é dizer que somos semelhantes a Deus. Significa isso.

Temos no *Sacrum Commercium*, o começo aonde Francisco busca a Dama da Pobreza. Esta é uma alegoria, uma história, escrita pouco depois da morte de Francisco. Não sabemos quem foi o escritor, mas sabemos que era uma tentativa de chamar os frades especialmente de volta ao verdadeiro presente que o carisma era. Infelizmente, nossos irmãos naquela época estavam começando a seguir muitos caminhos falsos, um deles sendo clericalismo. Eles estavam começando a querer estabelecer instituições, lugares onde poderiam ser vistos tendo impacto na Igreja. Todas essas coisas são um incômodo para nós como franciscanas. Quem escreveu o documento estava tentando chamar os irmãos de volta à verdadeira natureza do nosso carisma. Às vezes eu me pergunto se Clara estava envolvida nisso porque é pouco depois da morte de Francisco e há alguns paralelos em seções deste documento com alguns de seus escritos, mas eu sou a única pessoa que eu já ouvi dizer isso! Eu vou demonstrar isso para você. Ouça o início do capítulo um.

Francisco começa andando pelas ruas da cidade. (Como no Cântico dos Cânticos que citei o outro dia) Implacavelmente, como um explorador, ele estava procurando aquela que seu coração amava. Esta é uma missão que todas nós temos dentro de nós. Todas nós temos a busca, o anseio, o desejo dentro de nós por aquele que nosso coração ama. E aquilo que nosso coração ama, o que ela/ele ama, é a nossa natureza divina. É nossa semelhança com Deus. Sabemos que está lá. NÓS desejamos voltar a identificar com ele e viver a partir dele.

A história continua, ele pergunta aos locais e pergunta aos visitantes, você viu aquela que o meu coração ama? Mas o que ele disse, eles não entenderam, como se fosse uma língua estangeira. Esta é uma pista muito sutil sobre os frades na época. Isso se tornou uma língua estrangeira para eles, toda essa realidade mística da verdadeira natureza de nossa humanidade. Não entendendo ele, eles disseram a ele, Senhor, não sabemos o que você está dizendo. Fale conosco em nosso próprio idioma e nós lhe daremos uma resposta. Então o pobre Francisco tem que continuar e perguntar a outra pessoa. Ele decide procurar pessoas sábias e ele vê dois velhos sábios e resolve pedir-lhes para ver se eles podem responder a ele. (Parágrafo 9 de *Sacrum Commercium*) Quando o bem-aventurado Francisco chegou a estes homens, ele disse-lhes: "Diga-me, imploro que você possa me dizer onde mora a Dama da Pobreza, onde ela come, onde ela descansa no meio dia, pois estou desmaiando com amor por ela. E eles responderam, bom irmão, nos sentamos aqui por um tempo e outra vez e para sempre, e muitas vezes a vimos passar por outros que procuravam ela, às vezes muitos a acompanharam, mas muitas vezes ela voltou sozinha e nua, adornada não com jóias, homenageada por nenhum companheiro, vestida sem roupas. Tudo isso está tentando induzir o leitor a perceber que a verdadeira natureza de nossa humanidade foi esquecida pela raça humana. As pessoas estão rejeitando isso.

Eu quero usar uma maneira mais moderna de interpretar isso porque temos que olhar para isso em um idioma de hoje. Primeiro, uma referência ao parágrafo 25 (SC) e depois tentaremos ver mais nisso. Quando Francisco finalmente encontra a Dama da Pobreza, ela começa a contar-lhe um pouco sobre si mesma e ela diz que "em um momento eu estava no paraíso de Deus pois Adão e Eva estavam nus. De fato, eu estava dentro deles e com eles na sua nudez, naquele paraíso mais esplêndido, ouvindo nada, duvidando nada, e sem suspeitar o mal e eu achava que estaria com eles para sempre. Eles foram criados justos, bons e sábios pelo Mais Alto e colocados naquele lugar tão agradável e pacífico. Eu era tão feliz, alegre diante deles sempre por não terem nada de sua própria preocupação, apenas pensando em Deus.

Isto é como uma descrição de nosso próprio estado original de nossa humanidade. Como fazemos isso teologicamente, não nos preocupa; nós estamos olhando isso alegóricamente. Esta é uma descrição do fato de que os seres humanos por uns tempos viviam de sua identidade divina, sua identidade baseada na imagem de Deus. A Dama da Pobreza é como a imagem ou sinal disso. Realmente, a jornada da vida para todos os seres humanos, franciscanos ou não, a jornada da vida é a jornada do que eu chamaria de nossa unidade inconsciente com nossa natureza divina para a unidade consciente com nossa natureza divina. Isso é o que é a jornada da vida. Passamos do inconsciente para o consciente. É um processo longo.

Os primeiros Padres da Igreja (e eu falo deliberadamente ‘Padres’ porque não temos nenhuma Madre para citar). Muitas vezes penso que Clara foi muito influenciada por Gregório de Nyssa porque algumas de suas cartas quase repetem exatamente algumas das coisas que Gregório de Nyssa disse. Os primeiros padres da Igreja, especialmente a tradição ortodoxa oriental primitiva, focalizaram muito na nossa natureza divina. Eles falaram e escreveram muito sobre nossa jornada de volta à deificação - a viagem de volta a quem realmente somos em Deus, a nossa verdadeira identidade. Deixe-me citar alguns exemplos. Gregório de Nassienzen em um de seus poemas dogmáticos. "A palavra de Deus tomou um pouco de terra recém-criada e formou-a com suas mãos imortais em nossa forma e lhe transmitiu vida, porque o espírito que Deus respirou em nós é carne do Deus invisível." Eu tenho em mim uma porção da divindade. Gregório de Nyssa diz: "Nossa dimensão espiritual, que é precisamente que somos uma imagem do nosso Criador, vai além da nossa capacidade de explicar. Por este mistério dentro de nós, temos a impressão da divindade incompreensível." Cirilo de Alexandria diz:" A participação no Espírito Santo dá aos seres humanos a graça de ser moldado como uma imagem completa da natureza divina." Ouça Maximus, o Confessor, que está falando sobre o que acontecerá conosco eventualmente. Espero não ser muito insistente com isso, mas não entenderemos a pobreza se não entendermos isso.

Deixe qualquer uma de nós tomar a nós mesmas como um exemplo, porque isso vai acontecer a cada uma de nós quando completarmos nossa jornada. A chance de nos acontecer antes da morte é praticamente zero. Maximus fala de nós como a pessoa deificada e ele diz que "eventualmente, quando chegarmos à nossa deificação, permaneceremos completamente humanos em corpo e alma." Isso foi um ênfase dos primeiros padres. É que o corpo e a alma são divinos. É por isso que, na Igreja primitiva, o que chocou as pessoas não era o fato que nos ressuscitaríamos dos mortos e que seríamos amados para sempre. Há muitas pessoas na tradição judaica que acreditam em uma forma de ressurreição, uma forma de vida eterna. Mas o que realmente chocou o mundo naquela época foi a reivindicação dos primeiros cristãos de que nossos corpos também são divinos e vão se levantar dos mortos exatamente como Jesus fez. Em nossa existência eterna ainda teremos corpos, é o que eles estão dizendo. Seremos deificados em corpo e alma. Maximus diz que este "nós", a pessoa deificada, torna-se inteiramente Deus em corpo e alma através da graça e o brilho divino da glória beatificante que permeia toda a pessoa. Ouça essa linguagem maravilhosa; parece quase herético, mas é uma linguagem maravilhosa. "A criatura, pela deificação torna-se Deus, não exibe mais energia além do divino." (Este é o estágio #4 do nosso crescimento espiritual sobre o qual eu falei antes). Este é o despertar de nossa natureza divina. A criatura não exibe mais nenhuma energia além do divino. De modo que, em tudo a partir de agora, existe apenas Deus, porque todo o ser de Deus é o amor e entra em todo o ser dos eleitos de Deus." Todos somos deificados, compartilhando a vida de Deus, mas não perdemos a nossa única identidade. Isso é específico para os cristãos.

Onde tudo isso está nos levando em relação à pobreza? O problema é o que Ken Wilbur chama de Projeto Atman. (Atman é uma palavra hindu para o Espírito.) Wilbur tenta explicar isso. Ele diz que a dimensão divina ainda está presente em nós. Mas se separarmos de Deus, o Deus da Trindade, ainda temos esse objetivo de transcendência infinita, porque nosso espírito é infinito e eterno, mas perdemos a conexão com o Deus Triuno e, então, o que acontece é que nós caímos em nós mesmos como o divino. Esse desejo de transcendência está sempre presente. Todo ser humano quer ser Deus. Todos nós temos em nós o instinto por Deus, para o Máximo. Mas é em nós mesmas que vemos isso cumprido. Isto é o que é o ego separado. Isso causou toda divisão no mundo, dividindo os seres humanos um do outro, dividindo as nações umas das outras. Nós tentamos criar nossos próprios lugares separados onde nós sentimos que somos Deus. Este é o problema.

Jesus vem, de acordo com Francisco e Clara, para nos trazer de volta à nossa natureza verdadeira. É por isso que Jesus veio, da partilha de sua natureza. É nele que sentimos a nossa natureza divina. Basicamente, o que Francisco e Clara estão dizendo é que quando nascemos existem três coisas que rapidamente aprendemos sobre a vida e sobre nós mesmas.

Primeiro aprendemos que somos muito vulneráveis. Descobrimos que quando somos crianças pequenas que doi quando os nossos pais estão zangados conosco. Descobrimos que somos muito vulneráveis. Não é uma experiência agradavel. Procuramos descobrir uma maneira de sobreviver no mundo para que essa vulneralibidade não seja exposta. Essa é a nudez do Paraíso antes da queda. Não é comfortável, portanto tentamos nos cobrir. A Dama da Pobreza em *Sacrum Commercium* diz que usamos a pele dos defuntos para nos cobrir. A forma de cobrir as nossas vulnerabilidades com a pele dos defuntos é geralmente na forma de posses, com coisas que nos fazem sentir menos vulnerável. Posses, não só posses materiais mas conquistas como graus de estudo, etc., todas coisas externas que escondem esse ser interior vulnerável.

A segunda coisa que descobrimos é que somos muito dependentes, somos dependentes nos outros por muitas coisas da vida. É algo que não gostamos. Preferimos um senso de independencia. Cobrimos esse sentido de dependencia com “pele dos defuntos.” As peles que usamos são coisas que nos fazem sentir um pouco mais importante para que não dependemos nelas– coisas que nos fazem sentir um pouco de status. Gostamos de ser reconhecidas por causa de coisinhas, coisas não importantes, mas é o que queremos. Status nos faz sentir que somos um pouquinho melhor de que as outras pessoas. Não importa o por que. São essas coisas que são a pele dos defuntos.

A terceira coisa que descobrimos sobre a vida é que é muito precária. Não conseguimos controlar isso, não importa o quanto mais nós tentamos. Todos os tipos de coisas acontecem, nós adoecemos ou quebramos uma perna, por exemplo, ou um ente querido simplesmente morre e eles se foram. Nós não esperávamos isso. A vida é tão precária; sentimos que está tão fora de controle. Não conseguimos controlar, não importa o quão difícil nós tentamos. Então, a pele dos defuntos é o que usamos para lidar com essa realidade, essa nudez. Isso nos dá algum tipo de poder sobre a vida, poder sobre as pessoas, controle sobre algo, sobre algum tipo de posição. Nos sentimos atraídos de ficar cada vez mais importante em algum tipo de carreira, coisas assim.

É assim que o mundo opera e o poder é uma das maiores atrações para pessoas do mundo. Poder sobre os outros - pode ser sob a forma de poder político, pode ser sob a forma de poder hipnótico, como as estrelas, estrelas dos tipos de prêmios do Oscar. Um tipo de humildade surge em querer agradecer as pessoas, mas também tem o senso de "veja o que eu fiz", essa sensação de ter conseguido algo que muito poucos conseguiram. Cobre a nudez, mas é a pele dos defuntos. Jesus vem ensinar-nos a ficar nus de novo e adorá-lo! Para entrar na morte de nossa verdadeira natureza, para que possamos não mais precisar das peles dos defuntos. Jesus nos mostra o caminho e é isso que Clara está explicando em sua quarta carta a Inês.

Em resposta à nossa vulnerabilidade, dependência e precariedade da vida, Clara fala sobre Cristo como o espelho, aquele que nos revela nossa própria natureza verdadeira; ela diz para estudar seu próprio rosto e vê-se, seu próprio ser verdadeiro, sua natureza divina. A borda do espelho, o primeiro aspecto do espelho de Cristo, da sua natureza, é a pobreza daquele que foi colocado numa manjedoura e enrolado em roupas sujas. Tome posse novamente de sua vulnerabilidade. O que é mais vulnerável do que uma criança em uma manjedoura? Clara diz: "Ó humildade maravilhosa, ó incrível pobreza, rei dos anjos, o Senhor do céu e da terra deitado numa manjedoura - o idioma de Clara é totalmente vulnerável. O ponto que Clara está tentando fazer é a própria parte de nós que estamos tentando esconder e escapar e é o próprio aspecto de nós que é a natureza divina. É o ponto de conexão com a nossa divindade. No *Sacrum Commercium* a Dama da Pobreza diz a Francisco que existem dois lugares onde ela pode ser encontrada. O primeiro está no pântano, um lugar sujo e feio onde você desce e desce num lugar bagunçado. Você precisa encontrar sua natureza divina naquela parte de você. Essa parte bagunçada, suja e imunda de você mesma. Esse ser humano vulnerável, fraco, frágil, inadequado e desarrumado que você se considera ser.

Na profundidade disso está o tesouro da faísca divina. Não é no estado do ego,coisas do dia - isso é tudo uma ilusão. A única maneira de nos conectar com essa vulnerabilidade neste pântano é através da contemplação, isto é o que Clara diz, olhe para o Cristo crucificado. Aquele é Jesus tudo desordenado. "Um verme e não um homem". Encontre isso em você mesma. O ser humano desordenado do qual você tenta se afastar, porque você acha que todos a desprezam. Isso inclui os pecados reais que cometemos no passado, porque todas vieram da busca pela nossa natureza divina.

Juliana de Norwich é maravilhosa sobre isso. Ela quase diz que Deus fica realmente entusiasmado quando pecamos porque Ele sabe que é Ele que estamos procurando. É amor que estamos procurando. É o Divino em nós com o qual estamos tentando conectar novamente. Aceitando a nossa vulnerabilidade é o primeiro passo na recuperação da nossa verdadeira natureza. Isso é o que Clara está dizendo; então ela diz (lembre-se de que ela está falando sobre o espelho) na superfície do espelho considere a santa humildade, a pobreza abençoada, os esforços e encargos incontáveis que ele suportou para a raça humana. Esta é a resposta de Clara para nós não desejarmos nos sentir dependentes dos outros, querendo um pouco de status para que não nos sintamos dependentes dos outros. É justamente em ser humilde em nossa necessidade de outros que encontramos o Divino em nós mesmas e nos outros. Está nos permitindo precisar de outros que nos conectamos com o Divino. É a vontade de prestar serviço uns aos outros, em amor, que nos conectamos com o Divino em nós mesmas. Clara continua dizendo: "então, nas profundezas (deste mesmo espelho), contemple o amor inefável que o levou a sofrer na madeira da cruz e a morrer lá o tipo mais vergonhoso de morte".

Clara está dizendo que a resposta à precariedade da vida em que tentamos ter poder e controlar a verdadeira maneira de livrar-nos dessa pele dos falecidos (poder e controle) é assim. É entregando-se com os braços abertos para qualquer coisa que a providência permita na vida. Francisco se refere a ele como obediência. Clara nunca usa a palavra obediência. Nunca. Eu suspeito que Clara como mulher, vivendo em uma sociedade patriarcal, achou a palavra obediência com muitas conotações opressivas. Para um homem, não porque era algo de honra, como um cavaleiro servindo dessa maneira. Francisco fala sobre a pobreza, a humildade e a obediência de Jesus. São as três maneiras de remover e recuperar nossa nudez de nossa natureza humana. Clara fala da pobreza, da humildade e do amor de Jesus, a entrega amorosa ao que a Providência permite. Já não tentamos mais controlar a vida. Não mais tentamos sentir que temos poder sobre qualquer coisa. Nós simplesmente ficamos nuas, sabendo que vivemos na vontade divina.

Repare *Sacrum Commercium* com a conclusão dessa quarta carta; eu acho os paralelos interessantes. Esta é uma das razões pelas quais eu acho que Clara poderia ter tido uma mão neste documento. O parágrafo 64 do *Sacrum Commercium* diz que a Dama da Pobreza está falando com Francisco e com os irmãos e ela diz: "Vocês são abençoados pelo Senhor Deus, que criou o céu e a terra, vocês que me recebem com tanto amor (isto significa que você saiu da imagem divina de você mesmo). Eu imaginei que estava com você hoje no jardim de Deus (ela está dizendo que você estava de volta a sua nudez comigo, aquela amável imagem Divina que você recuperou, mas desta vez com consciência), portanto estou muito feliz, estou consolada, o Senhor está com você e eu não sabia. O que eu desejei, agora busco, o que desejei agora tenho, porque estou unida na terra com aqueles que representam a imagem daquele a quem eu sou cônjuge. Esta é a pobreza que reconhecemos conscientemente em nossa identidade com a segunda pessoa da Trindade, a natureza de Cristo em nós. Ela continua a dar, no parágrafo 66, um pouco de encorajamento e você descobre que Clara usa linguagem semelhante. Ela diz: "Não se afaste da dificuldade do esforço nem a quantidade de trabalho envolvido (chegando ao nosso ser verdadeiro, perdendo a pele dos defuntos) porque você terá uma grande recompensa e olhando para Jesus, o pioneiro, como aquele que mostra o caminho fazendo isso ele mesmo, que por causa da alegria que lhe foi colocada, a cruz, desconsiderando a sua vergonha, mantém firme a confissão de sua esperança sem hesitar, corra com amor à corrida que está diante de você, corra com perseverança o que é mais necessário para você, para que quando você tenha feito a vontade de Deus, você verá o que foi prometido para Deus tem o poder de levar a um final feliz pela graça de Deus o que você começou sem ser capaz de terminar, mas Deus é fiel às promessas de Deus.

Escute como Clara terminou a quarta carta depois que ela descreve a maneira de perder a pele dos defuntos e ficamos vulneráveis, humildes e obedientes a seja o que fôr que a vida nos traz, confiando na providência de Deus, ela diz, “De agora em diante, Ó Rainha do nosso Rei divino, sinta ainda mais o fervor do amor divino ao continuar a contemplar essas delícias inefáveis, riquezas e honras eternas: (Ela está falando sobre a realização de nosso verdadeiro eu em Jesus) e suspire por eles (anseie por sua identidade) no grande desejo e amor de seu coração, grite ‘traga-me para você, vamos correr na fragrância de seus perfumes,Ó Esposo do Céu. Vou correr e não me cansar até você me trazer para a adega e sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça e sua mão direita me abraçará feliz e você me beijará com o beijo mais feliz da sua boca.' Clara está dizendo que a união completa com o Divino acontecerá. Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade e nós, somos agora um. E assim vai; é incrivelmente lindo, mas não há mais tempo. Esta é a pobreza! É isso! Esta é a Dama da Pobreza!

Quero terminar com uma história que gosto muito, de Celano sobre Francisco quando ele estava caminhando com os seus companheiros e um homem coxo, um médico, e eles vêem três mulheres chegando em sua direção. Celano, ao apresentar esta história, diz que não sabe o significado desse episódio que estava prestes a contar, só sabe que isso definitivamente aconteceu. Essas três mulheres que chegam são pobres. E o que os surpreendeu é que elas eram idênticas. Eram mulheres pobres e lindas e estavam se aproximando. Os frades ficam espantados quando as vêem porque são idênticas. Mas Francisco só repara a sua pobreza e ele se volta para seu amigo, o médico que é o único que tem dinheiro e ele diz: "Por favor, me dê algum dinheiro que eu possa dar a essas pobres mulheres.” Ele tem o dinheiro em sua mão, pronto para dar a elas e elas se aproximam e, para sua surpresa, elas fazem reverência diante de Francisco e dizem para ele: "Saudações, Dama da Pobreza." Francisco fica absolutamente espantado! Ele sabia que elas reconheceram nele o que ele mais amava, sua identidade com a segunda pessoa da Trindade. E Francisco sabia que elas entendiam que a única maneira de entrar nisso era através da porta da pobreza, da nossa vulnerabilidade, humildade e entrega à Divina Providência. Ele ficou totalmente espantado e não sabia como responder. Eu acho que ele pode ter tentado entregar o dinheiro, mas eu não sei o que aconteceu lá.

Mas elas continuaram e era uma planície larga e plana que se estendia por milhas. Ele ficou tão espantado que ficou olhando para elas como os irmãos, e Celano disse que desapareceram como se tivessem voado como os pássaros do ar. Ele não dá nenhuma explicação. Mas eu acredito que é paralelo com os três homens do Antigo Testamento (Gênesis 18) que foi, de fato, o Cristo Pobre manifestado como a segunda Pessoa da Trindade - três mulheres, três mulheres pobres. Este é a única maneira nesta terra de recuperar a nossa identidade divina. Este é o nosso carisma, para realizar esta jornada. Nos disseram no *Sacrum Commercium* para não perder a coragem, para continuar porque haverá uma conclusão maravilhosa, que é a nossa deificação final. (Canção # 3 no CD, palavras de Francisco sobre a Eucaristia, podemos ser um com a segunda Pessoa da Trindade. As palavras de Francisco, "Deixe todo o mundo tremer ...” As palavras são incluídas na música de modo a reconhecer que estamos convidadas a entrar profundamente no pântano a caminho da humildade de Deus).

PERGUNTAS:

1. Qual a sua descrição da “beleza de Cristo?”
2. Como a Pobreza se manifesta na minha/nossa vida(s)?
3. Como eu/nós refletimos Cristo “que é o espelho” no qual eu/nós me/nos vemos?